

**A HORA DA CIDADE E A EXPERIÊNCIA URBANA:
UMA LEITURA DE A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR**

Helen Cristina Dias da Silva Lemes (UEG)¹
Clodoaldo Ferreira Fernandes (UEG)²

Resumo: Este tem como objetivo discutir o modo como a cidade do Rio de Janeiro é tematizada em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, bem como analisar as relações conflituosas entre a protagonista Macabéa e o contexto urbano à sua volta. Transitamos por alguns comentadores que tematizam a cidade, a sociedade e a literatura, a saber: Calvino (1991), Gomes (1994) Rolnik (1994), dentre outros que problematizam a temática em questão. As discussões revelam que a literatura é um importante meio de representação da sociedade, já que permite o registro da realidade de um momento histórico que pode antecipar tendências e mudanças. No que tange ao processo de modernização e urbanização das cidades, a literatura constrói e posiciona diferentes sujeitos na sociedade.

Palavras-Chave: Cidade. Literatura. Sujeito. Sociedade.

Abstract: This article aims to discuss how the Rio de Janeiro's city is thematized in *The Hour of the Star (A Hora da Estrela)*, Clarice Lispector, as well as to analyze the conflicting relationship between the protagonist, Macabéa, and the urban context that they are surrounded by. We have been through some commentators, who dominate the foreground of the city, society and literature, e.g.: Calvin (1991), Gomes (1994) Rolnik (1994) among others who problematize the issue under ventilation. The discussions reveal that literature is an important way to represent the society, since it captures the reality of a historical moment which can anticipate trends and changes. Regarding the process of cities modernization and urbanization, literature helps to nurture and positions different individuals in society.

Keywords: City. Literature. People. Society.

Caminhos iniciais...

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam obscuras, as duas coisas escondem uma outra. (CALVINO, 1991, p.44-grifo nosso).

¹ Professora Licenciada em Letras Português/Inglês (Universidade Estadual de Goiás-UEG). Especialista em Docência Universitária (Faculdade Católica de Anápolis). E-mail: hcletras7400@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (MIELT-UEG). E-mail: aldoff@uol.com.br.

A epígrafe acima ilustra a nossa proposta em refletir sobre a cidade como um lugar de vida própria, lugar esse companheiro de nossa heroína Macabéa, teimosa na permanência na cidade do Rio de Janeiro. Pensamos a urbe como espaço de contradições e inter-relações que se imbricam no cotidiano dos seus cidadãos. Como um *locus* que materializa vidas e sonhos de diferentes sujeitos na história. Para pensar essas contradições, iniciamos essa caminhada com a nossa Macabéa, personagem sonhadora, materializada nessa escrita como uma figura emblemática, simpática e desejosa em ser estrela, que, embora tenha medos, luta contra um mutismo social que lhe é impingido pela sociedade.

A temática Literatura e Cidade tem despertado pesquisas em diversos campos do saber. Historiadores, arquitetos, sociólogos, antropólogos e estudiosos da literatura têm enfrentado o desafio de inscrever a cidade como um espaço de concentração de linguagens, que compõem o discurso da modernidade. Desafio este que, para Albernaz (2008, p. 68) é “uma denominação ampla e diversa que considera a cidade não apenas em relação à estética, mas também em relação à arquitetura e ao urbanismo, à sociologia e à engenharia, ampliando demais o leque de possibilidades”.

Para Rolnik (1994), além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, ou seja, materialização de sua própria história. Portanto, temos na cidade relações de poder que se imbricam desde a sua origem. Nesse sentido,

a relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante de cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos. (ROLNIK, 1994, p.21)

A cidade, então, é uma seção de vida na qual se movem as personagens (sujeitos) com seus desejos, temores, expectativas e conhecimentos, que vão modelando o caráter e o destino de cada ser dentro da cidade (vida). Dessa maneira, o espaço cidadão “é mais que um cenário no qual os enredos são desenvolvidos; parece falar aos personagens e leitores sugerindo e reprovando posturas” (OLIVEIRA, 2012, p.4).

A *Hora da Estrela*, livro publicado por Lispector em 1977, considerado “o romance mais nitidamente social” (SPINELLI, 2008, p. 97), aborda a questão da personagem alagoana Macabéa, moradora de um quarto de pensão que divide com

quatro balconistas das Lojas Americanas (as Marias). A personagem é narrada por Rodrigo S.M, instância narrativa criada pela autora, como sendo uma moça raquítica, feia, virgem, solitária, órfã que foi criada por uma tia tirana, que a leva para o Rio de Janeiro, onde trabalha como datilógrafa (péssima por sinal). Alienada e sonsa adora ouvir a rádio relógio, coleciona pequenos anúncios num álbum e quer ser artista de cinema. Trata-se de uma personagem construída sem muita vida interior, já que era muito vazia, sem futuro e com um passado inexpressivo. No entanto, a nossa protagonista almejava ser artista, casar com um belo homem e ter um luxuoso vestido de noiva, como manda a tradição romântica. Assim, fica evidenciado que a Macabéa não era totalmente desprovida de sonhos.

No decorrer da narrativa, a sonhadora alagoana arranja um namorado, também nordestino, o metalúrgico Olímpico de Jesus que, por sua vez, a troca por Glória, a estenógrafa, “loira oxigenada” e colega de trabalho de sua ex-namorada. Aconselhada pela própria Glória, Macabéa procura uma cartomante, Madame Carlota, antiga prostituta e cafetina, que demonstra falso interesse na vida da personagem-retirante e faz revelações animadoras sobre o futuro, profetizando (em dúvidas) que a nordestina encontraria “um estrangeiro alourado de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos” (LISPECTOR, 1999, p.77), muito rico e com quem se casaria. Macabéa, que nunca tinha tido coragem de ter esperança, saíra feliz da consulta, pois a cartomante lhe decretara a sentença de vida: tornaria estrela através da morte. A morte, segundo o narrador-personagem Rodrigo S.M. era a protagonista de sua narrativa. Não por acaso, Macabéa tem afinidade sonora com macabra/morte (TROCOLI, 2010). Nesse sentido, A morte passa a metamorfosear uma heroína que mesmo destituída de vida, torna-se estrela no momento mais feliz de sua jornada, quando é prenunciada uma sina (futura) de fartura e beleza ao lado do homem amado.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice enfoca a solidão dos proletários, agravada pelo comer mal, morar-se pior ainda, vestir-se abaixo do necessário e ganhar dinheiro mínimo. Uma miséria fulgente, material e real. Para Bueno (2001) essa obra não é traição com a literatura tradicional, pelo contrário, ela se insere em um contexto da tradição, que supera os limites da escritora como criadora. Assim, compreende-se que Macabéa representa um grupo de pessoas comuns, que vivem situações corriqueiras, mas são de certa maneira dominadas pela tradição daquele que detém o capital. E, é dentro desse contexto que se arrisca a mostrar a influência da cidade nessa personagem

tão real e ao mesmo tempo tão frágil e sonhadora de Clarice, uma vez que, para sobreviver na sociedade capitalizada da cidade grande, em que a maior parte das informações é dirigida às grandes massas, Macabéa precisava possuir o mínimo de capacidade comunicativa. Mas, estando totalmente fora do contexto cultural, enfrenta o choque entre o universo do migrante sertanejo e o cidadão metropolitano/urbano.

Macabéa é a andarilha que mostra a penosa luta daqueles que não ascenderam socialmente através da lei do capital, seja no campo e/ou na cidade (SIMÕES, 2011). Essa protagonista (a estrela datilógrafa), “não consome tudo o que vê e deseja pela simples razão de não poder economicamente” (NOLASCO, 2007, p.116), ela é parte de uma importante manobra que aguça o consumismo da sociedade de massa proposta na década de 70 (GUERRA, 2011). Entendemos a obra de Lispector como uma forte ‘munição argumentativa’ engajada em um social/intimista, que transpõe a elite e questiona essa ‘fina flor’ circundante da sociedade, questionando ainda a figura do intelectual e o seu contexto social, marcados pelo autor-narrador-personagem Rodrigo S.M. Dessa maneira, o romance,

A Hora da Estrela é uma poderosa máquina argumentativa. O significado propriamente literário disso tem sido assinalado há tempo: a obra se autoquestiona, problematiza a representação literária, debate-se contra seus próprios limites (BASTOS, 2002, p.142).

Para problematizar a representação literária dessa obra em um viés cidadão, convidamos aos leitores e leitoras a uma breve caminhada por espaços que se imbricam entre o contraditório, o conflitante, o paradoxo, o sutil e o tolo. Portanto, ainda que evitemos nesse percurso normatizar alguns binarismos (bela/feia, rico/pobre/, dominante/dominado), propomos nesses caminhos discursivos novas formas de pensar e sentir a nossa heroína alagoana Macabéa.

Transitando pelas cidades...

Em alguns anos do século XX, antes da ditadura militar (1964-1966), o Brasil passava por transformações de modernização e industrialização. Essas transformações, porém, não foram planejadas, o que levou ao inchaço populacional das cidades que, não estando preparadas para receber a população que migrava, viu-se palco de problemas sociais, econômicos e urbanos. Surge uma predominância da cidade sobre o campo, em

que emergem os subúrbios, indústrias, periferias e as vias que abrem caminhos entre o campo e a cidade. Este movimento devorou todo o espaço, transformando em urbana a sociedade como um todo. Ao transformar esse urbano, vidas foram (re)escritas, saberes foram produzidos e narrativas (re)contadas sob diferentes matizes. Assim, podemos pensar que a cidade não só se constrói, ela também se escreve, porque é através da escrita que se registra o acúmulo de riqueza e saberes (ROLNIK,1994). Sendo um espaço de conflitos e de paradoxos, a cidade é um espaço que desafia os seus habitantes, estabelece limites e interditos (OLIVEIRA, 2012) para alguns e impedem o trânsito dos corpos nos espaços da urbe para ‘outros’.

Modernização dialoga com conflitos, na medida em que coloca ‘outros’ à margem que não acessa o que ela (a modernidade) oferece. Com a modernização temos nesse cenário a capital federal (Rio de Janeiro), que após a República, implementa projetos para remodelar a cidade, às expensas dos pobres. Com esses programas modeladores da capital brasileira, viria a transformar a urbe federal, deixando-a com menos aspecto colonial. O projeto tinha como finalidade criar uma imagem civilizada, ou seja, os mesmos padrões europeus para essa cidade. Para Gomes (1994), essa modernização afeta não só a urbe em si, mas o conjunto de experiências de seus habitantes, porque é através dessa mudança que os donos do poder higieniza e ‘sanitiza’ a pobreza da qual uma cidade civilizada não pode partilhar. Isto é, cidade e modernidade se pressupõem, na medida em que a cidade é o cenário das mudanças tangíveis de maneira ostensiva e brutal. Portanto, ainda que tente apagar uma cidade colonial, a capital do Brasil será uma subcosmópolis de Paris.

O Rio de Janeiro é o cenário das desventuras da personagem alagoana criada por Lispector, em que se observa a contrastante divisão (não apenas social) que existe nas metrópoles brasileiras. A autora, ao retratar os caminhos percorridos por Macabéa na cidade do Rio de Janeiro, revela a metrópole periférica por meio de imagens descritas, em que se evidencia a modernidade brasileira exposta em suas ambiguidades e contradições, pois se percebe uma sociedade moderna que continua estática na permanência de velhos padrões de miséria e desigualdades.

Para a datilógrafa de Lispector, o Rio surge como uma necessidade daqueles que migram para as metrópoles em busca de melhores condições de vida. É uma cidade evidenciada pela personagem como um lugar inacreditável. Estar ali naquela urbe é

jazer no paraíso, é chegar ao progresso, encontrar-se em situação privilegiada em relação aos seus conterrâneos.

A narrativa é tecida pela marca das personagens nordestinas, tanto de Alagoas (Macabéa) quanto da Paraíba (Olímpico) que migram do campo para o espaço urbano em busca de condições melhores de vida. No romance clariceano percebemos como a Metrópole ‘devora’ o indivíduo que não tem voz diante da cidade em que vive, pois é na cidade que surge o conflito entre sociedade e sujeito, uma vez que, a diferenciação social é posta em xeque, levando o indivíduo ao isolamento e a constante tensão entre o interno e externo.

A cidade em *A Hora da Estrela* é evidenciada entre as ruas e becos do Rio, os bares, a rádio relógio, cinemas e o Jardim Zoológico. Sendo assim, um dos primeiros lugares citados na obra é a Rua do Acre, local em que a personagem Macabéa divide, com as quatro Marias, um quarto barato. O narrador, Rodrigo S.M, oferece descrições de um lugar imundo, frequentado por prostitutas, depósitos de carvão e de cimento, que ficava perto do cais do porto e tinha um verão sufocante. Esse é um dos espaços que mostram a divisão das ruas do Rio como divisões sociais, pois pode parecer que na Rua do Acre moram pessoas desprovidas de recursos financeiros. Assim, a Rua do Acre é a materialização dos destituídos sociais, na medida em que não há outros espaços que esses sujeitos possam acessar porque não possuem uma senha social que garante certa mobilidade: a dignidade humana. Sem essa senha, espaços outros serão negados e inacessíveis aos ‘outros’.

Já na Praça Mauá, local em que Macabéa pegava o ônibus, nota-se um dos momentos de nostalgia da personagem, pois ao ver os navios cargueiros, sentia saudades de algo que não sabia explicar. Há outros espaços públicos que chama a atenção na narrativa, é o lugar em que os encontros entre Macabéa e Olímpico acontecem. Sentados no banco da praça, têm um espaço gratuito que os distingue do resto do nada e a sociedade urbana. Neste aspecto, o espaço urbano tido como precursor das praças foi a ágora, na Grécia antiga. A ágora grega era um espaço aberto, normalmente delimitado por um mercado, no qual se praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos (MACEDO e ROBBA, 2002). Considerando que praças são espaços abertos, públicos e urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico (comércio), político ou social. Porém, não

é o que acontece no romance clariceano, pois as personagens de Macabéa e Olímpico não conseguem se aproximar, ao contrário, se distanciam ainda mais, uma vez que não alcançam um diálogo afetivo/cultural em função da exacerbada ignorância de Macabéa.

Percebe-se, então, a falta de afabilidade nos diálogos entre as personagens, demonstrando o distanciamento e não uma aproximação, como a praça pública permite. Pode se afirmar que a ‘ágora’ de Macabéa não é um espaço democrático, é um lugar que poucos acessam, embora transitem por ela. Evidencia-se nesse sentido, uma praça como um espaço simbólico de exclusão, que embora estivesse nela (Macabéa), não dispunha de bens materiais para acessar o que se oferecia. E ainda que pague a sua entrada no Jardim Zoológico, Macabéa não se beneficia de tudo que esse passeio apresenta: as fotos, as flores, pipoca e tantos outros supérfluos que o dinheiro pode proporcionar. Portanto, podemos afirmar que a exclusão dessa nordestina “é primeiramente uma exclusão estética, no sentido de que ela não compartilha o sensível” (BASTOS, 2002, p.148), porque é negada a sua existência.

Caminhos finais...

A literatura é um importante meio de representação da sociedade, em que permite o registro da realidade de um momento histórico ou até mesmo antecipa tendências e mudanças. Sabe-se, portanto, que a sociedade sempre serviu de inspiração para os escritores. Pode-se dizer que a modernidade tem na cidade o lugar privilegiado de inspiração na caracterização de seus temas. A cidade como um espaço de ditos e interditos, como um lugar de paradoxos e contradições é um terreno fértil para a exploração sob diferentes matizes.

Sendo assim, acreditamos que a relação da personagem clariceana com a cidade do Rio de Janeiro, deu-se de forma conflituosa, violenta e perversa, pois que, ao tomar coragem para ter esperança, a personagem morre atropelada. Em um plano metafórico a Metrópole não pertence aos ‘fracos’ da existência, aos que labutam e fazem, na engrenagem urbana, o seu progresso chegar. A cidade para aquele e aquela que não domina a sua técnica, assim como Macabéa, pode ser um espaço contraditório.

O sujeito invisível na sociedade, assim como a nossa heroína, tem cotidianamente sentenças que são dadas pelas cartomantes impiedosas, mascaradas

como portadoras da bonança e da prosperidade. Diferentes pessoas se veem em espaços citadinos como aqueles e aquelas que têm a cidadania negada, preditos por uma morte social, um mutismo e uma invisibilidade da existência que devora almas, memórias, histórias, narrativas. A cidade para as Macabéas e os Macabeus coloca os ‘outros’ fora do centro, coisifica os oprimidos e impinge uma marginalização na vida desses ‘retirantes sociais’ na medida em que não possibilita a dignidade de viver e usufruir desse espaço cambiante tido como modelo de progresso.

Ao retratar o nordestino, Clarice Lispector buscou abordar questões sociais que tocam os vários aspectos da condição humana, retratou e polemizou um povo esquecido que construiu sobre o solo árido do sertão nordestino uma identidade, que se materializa em diversos papéis desempenhados por homens e mulheres que povoam a região Nordeste. Contrariando a crítica da época, Clarice Lispector foi julgada como uma escritora alienada de seus problemas sociais e políticos, (SOUSA, 2008). Ela rompeu através de sua obra, sobretudo, *Macabéa*, como a representante de um povo que vive em uma sociedade excludente e opressora que, na busca de condições melhores, migram para as Metrôpoles. Porém, muitas vezes essas pessoas são discriminadas pelo simples fato de serem nordestinos, estrangeiros, migrantes de uma sociedade que privilegia o modelo, a referência e que violenta os sotaques que circulam na sociedade brasileira.

Macabéa é a contradição entre a impossibilidade de exprimir-se socialmente e as diferentes formas de transitar nessa sociedade. Não é o modelo, vive de migalhas e não almeja nada mais que aparecer, tornar-se uma estrela. Assim, a alagoana é imagem, fragilidade, docilidade, simplicidade. É teimosa em viver em um espaço citadino cruel que exclui porque não consome os prazeres que uma urbe oferece. É retirante forte que devaneia e acredita no porvir.

Assim, Clarice Lispector, viu e retratou, em *A Hora da Estrela*, a experiência urbana, mostrando que a cidade é, ao mesmo tempo, uma atração e um repúdio, um acolhimento e uma violência, pois o processo de modernização gerou megalópoles problemáticas, em crise, atravessadas pela brutalidade, pela desestabilização de valores, pela lógica da exclusão, pela perda de laços comunitários e pela ruína das relações humanas. Ainda que *Macabéa* vivenciara um silêncio na urbe, potencializado pela técnica e a velocidade (FRANKLIN, 2008), não dominando nem a técnica da datilografia e os serviços burocráticos, ela nos desestabiliza porque possibilita que outras vozes excluídas sejam audíveis nas cidades. Assim, vemo-nos como estrelas

teimosas que também sonham/almejam o reconhecimento social, a glória de vencer as agruras da labuta diária.

Referências

- ALBERNAZ, B. *Claricidade: a cidade segundo Clarice*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue; FAPERJ, 2008.
- BASTOS, H. O custo e o preço do desleixo – Trabalho e Produção em A hora da estrela. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, 2002.v.6.Disponível em:<http://www.abralic.org.br/download/revista/Revista_Brasileira_de_Literatura_Comparada_-_06.pdf> Acesso em: 21 mai. 2013.
- BUENO, L. G. Clarice e antes. In: *Teresa*. São Paulo: Ed.34, 2001.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 172 p.
- FRANKLIN, M.C. *Imagens da banalidade do mal em A hora da Estrela, de Clarice Lispector*. UFSJ, 2008. Disponível em: <http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_32/margareth_franklin.pdf> Acesso em:22 mai.2013.
- GUERRA, V. M. L. *Um olhar discursivo sobre “A hora da estrela”*: tradução, identidade e cultura em Clarice Lispector. *Raído*, Dourados, MS, v. 5, n. 9, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/viewFile/1028/814>> Acesso em 22 mai. 2013.
- GOMES, Renato. *Todas as Cidades, a Cidade*. 5. ed. Brochura: Rocco, 1994. p.182.
- LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. (1977). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002.
- NOLASCO, E. C. *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. 139p.
- OLIVEIRA, C.S. A Hora da Cidade: literatura, narrativa histórica e o imaginário urbano. In: *VI Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas da História: ver e sentir-narrar*. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2012.p.1-11.Disponível em:<<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimpósio/anais/Cicero%20da%20Silva%20Oliveira.pdf>> Acesso em: 21 mai.2013.
- ROLNIK, Raquel. *O que é Cidade*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1.

SIMÕES, L. C. A. *A tensão dialética – literatura e sociedade nos alinhaves de Vidas Secas e d’A Hora da Estrela*. 2011.127f. Dissertação (Mestrado em Literatura)-Universidade de Brasília, 2011.

SPINELLI, D. Notas sobre A hora da estrela”, de Clarice Lispector. In: GOMES, A. L. (Org.). *Seminário Internacional Clarice em Cena-30 Anos Depois*. Brasília: UnB, 2008, p. 95-103.

SOUSA, R. B. A via-crúcis de GH: em busca da crítica social em Clarice Lispector. In: GOMES, A. L. (Org.). *Seminário Internacional Clarice em Cena-30 Anos Depois*. Brasília: UnB, 2008, p. 281-290.

TROCOLI, Flávia. Esculpir, pintar, escrever em Clarice Lispector. In: TFOUNI, L. V.(org.). *Letramento, escrita e leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.